



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

A ALTERNÂNCIA ENTRE DITONGO NASAL ÁTONO FINAL E VOGAL ORAL NO
RIO DE JANEIRO: UMA AVALIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Giselle Gaspar de Assis Silva

RIO DE JANEIRO
2022

GISELLE GASPAR DE ASSIS SILVA

A ALTERNÂNCIA ENTRE DITONGO NASAL ÁTONO FINAL E VOGAL ORAL NO
RIO DE JANEIRO: UMA AVALIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras na habilitação
Português e Literaturas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Christina Abreu Gomes

RIO DE JANEIRO
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Giselle Gaspar de Assis.

A alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral no Rio de Janeiro: uma avaliação sociolinguística / Giselle Gaspar de Assis Silva – Rio de Janeiro, 2022.

29f.

Orientadora: Christina Abreu Gomes

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 29.

1. Ditongo nasal. 2. Variação linguística. 3. Avaliação social. 4. Percepção. I. Gomes, Christina Abreu. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2022. III. Título

AGRADECIMENTOS

“One dream, one soul, one prize, one goal. One golden glance of what should be. It's a kind of magic!”. Inspirada desde sempre por uma das minhas bandas favoritas, Queen, reconheço: cursar Letras foi um tipo de mágica. Esse sonho de infância não poderia ter sido concretizado sem o apoio fundamental que recebi. Por isso, cabe a mim agradecer:

Aos meus pais, Alcenir e Dulce, pilares inspiradores para toda a minha vida, que sempre me apoiaram nessa carreira e viram o brilho nos meus olhos. Aos pequenos detalhes que fizeram por mim, como me levar ao ponto de ônibus às 4h da manhã e preparar minha comida para os dias integrais. Nada paga isso, mas espero sempre retribuí-los da melhor forma. Amo vocês demais, obrigada por tudo.

À minha irmã Karine, que sempre me apoiou nessa jornada. Minha “patrocinadora oficial”, isso não seria possível sem seu suporte também. Amo você e amo ser sua caçulinha. À minha tia Dolores, que cuidou de mim desde sempre como se fosse sua filha. À minha família de forma geral, que foi primordial nesse caminho com suas singularidades.

Ao meu namorado Enzo, sinônimo exato de amor, calma e respeito. Você é essencial em cada parte da minha vida, desde os nossos dezessete anos. Entrei na faculdade com você, estou saindo com você, quero envelhecer com você. Obrigada por cada aconchego e cada risada nas horas mais difíceis e cansativas desse trajeto. Amo você mais que ontem e menos que amanhã.

À minha sogra Janaina, que desde sempre me tratou como filha, recheada de amor e parceria. Sem você e sem sua hospitalidade, nada disso seria possível. Muito obrigada por tudo do fundo do meu coração.

Aos meus amigos da Faculdade de Letras, especialmente Crístian e Palloma, por serem minha válvula de escape e suporte na vida acadêmica. Sem vocês, nada teria a graça que teve. Crístian, desde o primeiro dia sabia que você seria minha dupla para tudo, dentro e fora de sala. Palloma, assim que nos encontramos vi que você era minha irmã de alma.

Às minhas amigas de infância, Christiane, Juliana, Lavínia e Poliana, que estão comigo desde sempre e para sempre. A vida é mais divertida com vocês.

À minha orientadora Christina Abreu Gomes, que me abriu portas inimagináveis. Obrigada por ter feito esse momento árduo ter sido repleto de leveza e aprendizado e, principalmente, por me ajudar a crescer como profissional e como pessoa. À Lívia, parceira de pesquisa e que me ajudou muito nessa etapa final. Aproveito para agradecer a todos os professores marcantes da Graduação, cada um de vocês tem um espaço especial em meu coração e memória.

Às minhas bases educacionais, que me possibilitaram uma educação de qualidade e, conseqüentemente, me abriram portas para que minha conclusão da Graduação fosse possível: Escola Municipal Olegário Domingues, Escola Municipal São Sebastião, Escola Municipal Comunidade de Vargem Grande, Colégio e Curso Pensi e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Por fim, agradeço a mim, que me dedico fortemente a fazer tudo que me proponho da melhor maneira possível. Não foi fácil, mas eu consegui. A Giselle de oito anos, que brincava com seu quadro negro em casa, está muito orgulhosa. A Giselle de oitenta anos verá que tudo foi frutífero. Amo a docência, me sinto realizada e não me vejo fora dela.

ANINHA E SUAS PEDRAS

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

Cora Coralina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. REVISÃO DA LITERATURA	10
1.1 A ALTERNÂNCIA PRESENTE NO SUL DO PAÍS	10
1.2 A ALTERNÂNCIA PRESENTE NO RIO DE JANEIRO	12
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
3. METODOLOGIA EXPERIMENTAL	17
4. RESULTADOS	21
5. CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo estudar a percepção da variação linguística com foco na alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral (ex. *garagem ~ garagi*) a partir do comportamento de falantes do Rio de Janeiro com diferentes perfis sociais. Estudos com dados de produção da variedade carioca mostraram que a variante vogal é estratificada por escolaridade, havendo um decréscimo do seu uso em falantes de maior escolaridade, assim como também há estratificação por estilo de fala, ou seja, o uso da variante vogal decresce em estilo mais monitorado, como será exposto adiante.

Variados são os estudos acerca do tema no Português Brasileiro, tais como os de Votre (1978) e Guy (1981) e o precursor Mattoso Câmara (1977/1949). As teorias utilizadas como base para o atual estudo são os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994) e dos Modelos de Exemplares (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017). A avaliação social das variantes foi acessada por meio de experimento que utiliza a técnica de *matched guise*, que será explicada na seção específica que tratará da metodologia.

Em função dos padrões de variação observados nos estudos com dados de produção (GOMES *et al.*, 2013; GOMES, 2017), a hipótese levantada é a de que os participantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro não irão relacionar as variantes a um perfil macrosocial específico. Conforme será desenvolvido no item com a revisão dos estudos sobre a variedade carioca, os resultados relativos à estratificação social indicam que a variável possui características de marcador linguístico conforme Labov (1994), ou seja, apresentam estratificação social por idade, escolaridade e também estilística, mas não são referidas como associadas a alguma característica macrosocial.

De acordo com Squires (2011), a percepção da variação é a aptidão do indivíduo para identificar e interpretar formas linguísticas indexadas socialmente. Parte-se do princípio de que, no processamento dessas informações, falantes e ouvintes adquirem informação social e linguística. Estudos sobre a percepção da variação seguem dois caminhos quanto à observação do valor social das variantes, isto é, podem verificar em que medida a forma linguística remete a características sociais dos falantes ou em que medida as características sociais dos falantes acionam determinada forma linguística (DRAGER, 2014).

Assim, neste estudo, o método utilizado foi o de verificar em que medida a forma linguística aciona característica de status socioeconômico dos falantes dos estímulos. A

expectativa do atual trabalho é que não haja correlação entre perfil socioeconômico baixo e variante vogal, com base no comportamento dos participantes na percepção da variação. Da mesma forma, em relação ao tempo de resposta, espera-se não haver diferenças significativas nos tempos de resposta na associação das duas variantes a um determinado perfil socioeconômico, variáveis dependentes para observação do comportamento dos ouvintes respondentes do experimento, não sendo registrados, em estudos anteriores, comentários dos falantes sobre a indexação social das variantes, isto é, no sentido de serem associadas a algum perfil social específico (GOMES *et al.*, 2013; GOMES, 2017).

Este trabalho se divide em seis seções, sendo elas: a atual introdução; a revisão da literatura, que dedica sua parte para a retomada de estudos anteriores sobre o tema em questão; os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e os Modelos de Exemplares, teorias norteadoras da pesquisa; a metodologia experimental e hipóteses de trabalho; os resultados obtidos através do experimento que foi elaborado e aplicado; e a conclusão do estudo, retomando os pontos abordados e evidenciando a possível comprovação da hipótese em suas considerações finais.

1. REVISÃO DA LITERATURA

Os estudos que observaram a alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral no Rio de Janeiro são relativamente escassos, sendo essa variável também estudada a partir de dados de amostras do Sul do país. A seguir serão apresentados os principais achados desses estudos que serviram de base para o presente trabalho.

1.1 A ALTERNÂNCIA PRESENTE NO SUL DO PAÍS

Em *A redução variável dos ditongos nasais átonos no português do Sul do Brasil*, Battisti (2000) menciona que os ditongos nasais átonos possuem notável redução no português falado no Sul do país (ex. *homem* ~ *homi*), devido a fortes condicionamentos linguísticos, como o contexto vocálico seguinte, e extralinguísticas, como a escolaridade. Tendo como base a Teoria da Variação, a autora desenvolveu o estudo com dados de fala espontânea da Amostra VARSUL com 90 participantes, 30 de cada estado do Sul brasileiro. De acordo com a autora, é importante ressaltar que é a atonicidade da sílaba que desencadeia a realização da vogal oral, isto é, a variação entre realização com ditongo nasal ou vogal oral ocorre somente em sílaba final átona. A codificação dos dados se deu por meio de sete variáveis, sendo elas:

Quadro 1: Variáveis e grupos de fatores

Variáveis extralingüísticas	Variáveis lingüísticas
Localização geográfica Rio Grande do Sul Santa Catarina Paraná	Classe de palavra Verbo Substantivo Adjetivo Advérbio Nomes em -gem
Escolaridade 0 - 4 anos 5 - 8 anos 9 - 12 anos	Tipo de vogal do ditongo O E A
Sexo Homem Mulher	Contexto fonológico anterior Consoante nasal Consonate não-nasal
	Contexto fonológico seguinte (no início da palavra seguinte) Consonate nasal Consoante não-nasal Vogal Pausa

Fonte: Battisti (2000, p. 262)

Os resultados das variáveis extralinguísticas revelam que uma menor escolaridade, o sexo masculino e a localização em Santa Catarina favorecem realização da redução do ditongo nasal átono em oposição aos outros condicionamentos. Já com relação às variáveis linguísticas, o estudo revela que a maior tendência à realização da vogal foi na classe de palavras advérbio e em nomes terminados em *-gem*, porém, como o único advérbio usado foi *ontem*, essa classe foi eliminada de todas as rodadas seguintes. Em relação ao contexto fonológico seguinte, os testes mostram que ocorre uma maior redução no contexto de palavras seguintes iniciadas por vogal.

Ainda no contexto de variedades abarcadas pelo corpus VARSUL, em *Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do Sul do Brasil*, Schwindt e Bopp da Silva (2010) tecem análises parecidas como a análise de Battisti, exposta anteriormente. Utilizando praticamente as mesmas variáveis independentes, a diferença no estudo de Schwindt e Bopp da Silva se faz em relação às variáveis extralinguísticas. Dessa vez, os fatores como sexo e escolaridade de 5-8 anos foram eliminados, visto que não se mostraram tão significativos nas análises anteriores. Como dito, os efeitos das variáveis linguísticas continuaram os mesmos, sendo apenas mais ampliados no decorrer da pesquisa, como exposto pela quadro abaixo:

Quadro 2: Variáveis linguísticas

Grupos de fatores	Exemplos
<i>Classe de palavra</i>	
Nomes com <i>gem</i> na raiz	<i>homenagem</i>
Nomes com sufixo <i>-gem</i>	<i>reciclagem</i>
Nomes	<i>homem</i>
Verbos	<i>cantaram</i>
<i>Consoante do onset</i>	
Consoante nasal	<i>am<u>a</u>m</i>
Consoante não-nasal posterior	<i>fi<u>ç</u>am</i>
Consoante não-nasal anterior	<i>estu<u>d</u>am</i>
Onset vazio	<i>sa<u>e</u>m</i>
<i>Tonicidade do contexto seguinte</i>	
Átona	<i>vieram <u>mo</u>rar</i>
Tônica	<i>sabiam <u>dis</u>so</i>
<i>Contexto fonológico seguinte</i>	
Vogal	<i>falam <u>a</u>lemão</i>
Consoante não-nasal	<i>falam <u>d</u>iferente</i>
Pausa	<i>falam#</i>
Consoante nasal	<i>falam <u>m</u>ais</i>

Fonte: Schwindt e Bopp da Silva (2010, p. 19)

Após uma análise mais aprofundada dos testes primeiramente feitos por Battisti, os autores chegaram aos seguintes resultados: Santa Catarina continua sendo o estado em que se observa mais realização da vogal, possivelmente pelas cidades que compõem a amostra desse estado; existe uma maior redução na classe dos nomes do que em verbos; a vogal presente no contexto fonológico seguinte favorece o processo; os mais jovens produzem maior redução, assim como os menos escolarizados; a consoante nasal em contexto de *onset* também favorece a vogal; e os contextos átonos seguintes também contribuem para a redução do ditongo nasal. Em decorrência da investigação feita, concluiu-se que esse fenômeno tem ocorrência moderada com tendência à realização do ditongo.

1.2 A ALTERNÂNCIA PRESENTE NO RIO DE JANEIRO

No artigo *Para além das ondas: um ponto de partida sobre o significado social da variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral no português brasileiro*, Gomes (2017) focaliza a alternância de ditongo nasal átono final e vogal na variedade da cidade do Rio de Janeiro, visando observar o efeito do estilo de fala no uso das variantes. A autora utilizou uma metodologia capaz de capturar o comportamento do falante em diferentes situações comunicativas. Nesse estudo, então, foram observadas situações de leitura de texto e lista de palavras, comparadas com a fala espontânea da recontagem da situação expressa no texto lido. O trabalho teve como base dados de 36 falantes de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense.

O texto e a lista de palavras foram elaborados com itens lexicais levantados dos corpora ASPA/UFMG, NILC/São Carlos-UFSCar, Lael-PUC/SP-Fala e Escrita, classificados de acordo com sua frequência de ocorrência. A lista de palavras também contou com cerca de 20 distratoras. Dos 20 itens lexicais alvo, 10 são mais frequentes e 10 menos frequentes, de acordo com levantamento realizado no ASPA. Metade dos itens mais frequentes e metade dos itens menos frequentes são terminados em *-gem* (ex. *viagem*) e metade não tem essa terminação (ex. *ontem*).

Os resultados obtidos foram submetidos a uma análise estatística para verificar o efeito das variáveis explicativas estilo de fala e frequência de ocorrência das palavras, faixa etária e sexo dos participantes. Dentre 1366 dados, apenas 133 apresentaram a vogal oral, sendo então submetidos à regressão logística que indicou como variáveis relevantes o estilo de fala e a idade, como exposto nas duas tabelas abaixo:

Tabela 1: Efeito do Estilo de fala na realização da vogal oral

Estilo de Fala	Apl/N	%	Peso relativo
Reconto	22/124	17	0,735
Texto	69/663	10	0,599
Lista de Palavras	22/579	3	0,337
Total	113/1366	8	

Fonte: Gomes (2017, p. 18)

Tabela 2: Efeito da faixa etária na realização da vogal oral

Faixa Etária	Apl/N	%	Peso relativo
15-19 anos	16/478	3	0,312
20-29 anos	64/451	14	0,599
30-45 anos	33/437	7	0,337
Total	113/1366	8	

Fonte: Gomes (2017, p. 18)

A autora concluiu que há estratificação por estilo de fala no condicionamento da vogal oral em alternância com o ditongo nasal (Tabela 1). Foi observado que a realização da vogal oral é associada a situações de uso que envolvem menor tensão comunicativa e menor formalidade (reconto), sendo evitada nos outros contextos (leitura de texto e de lista de palavras), possibilitando a atribuição de algum grau de estigma a essa variante, uma vez que os resultados apontam um decréscimo nos pesos relativos do reconto para a leitura da lista de palavras, o que significa uma tendência à menor realização da vogal em relação ao aumento da tensão comunicativa. Já na estratificação etária (Tabela 2), os resultados indicaram que mais jovens e mais velhos, nessa amostra citada, apresentaram a mesma tendência à realização do ditongo nasal, ao passo que observa-se maior tendência de uso da vogal oral na faixa etária intermediária.

Em estudo anterior, Gomes *et al.* (2013), no trabalho intitulado *Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do Rio de Janeiro*, observaram dados de fala espontânea de uma amostra da comunidade de fala carioca (Amostra Censo 2000) com o intuito de verificar o papel do item lexical e dos contextos estruturais na variação, levando em consideração a Sociolinguística Variacionista e a Fonologia de Uso ou Modelo de Exemplares. A análise estatística através do Rbrul revelou efeito do item lexical e de condicionamento prosódico nos dados de 12 falantes da Amostra

Censo 2000. Além disso, a distribuição das variantes por faixa etária indicou uma situação de variação estável. Entretanto, as autoras expõem que é possível identificar a implementação da variante vogal oral quando se observa o comportamento de itens lexicais específicos.

No estudo em questão, o envelope da variação incluiu a alternância de ditongo nasal átono final e vogal oral em nomes (*homem* ~ *homi*, *jardinagem* ~ *jardinagi*, *órfão* ~ *órfu*) e em formas verbais no pretérito perfeito cuja alternância na realização analisada não implica ausência de marca morfológica de concordância (*estiveram* ~ *estiveru*, *cantarem* ~ *cantari*). É importante ressaltar que a Amostra Censo 2000 configura-se como amostra aleatória da comunidade de fala da cidade do Rio de Janeiro, constituída no ano 2000 dentro do modelo laboviano de coleta de fala espontânea e de estratificação dos indivíduos. Foi obtido um total de 322 dados dos falantes da amostra.

Em seguida, as autoras submeteram os dados colhidos à análise de regressão logística por meio de programa computacional com o objetivo agora de avaliar a significância estatística das distribuições observadas para os fatores das variáveis independentes, como contexto seguinte, vogal núcleo do ditongo, distância da sílaba tônica seguinte, tamanho do item lexical, status morfológico e também para as variáveis aleatórias, como item lexical e indivíduo da amostra. Além disso, também foram analisadas as variantes extralinguísticas com base na estratificação da amostra, ou seja, escolaridade, sexo e faixa etária. Em função dos resultados obtidos, Gomes *et al.* (2013) concluíram que a variação é condicionada por fator linguístico (distância da sílaba tônica seguinte à sílaba final em variação) e fatores extralinguísticos, como a idade e a escolaridade dos falantes. Também foi observado que há maior tendência à realização da variante vogal em itens específicos, que apresentam alta frequência de ocorrência na língua.

Em relação à variável social escolaridade, os resultados mostraram que há uma tendência de ocorrência da variante oral entre falantes de escolaridade mais baixa, resultado esse essencial para o estudo da percepção. Já para a variável faixa etária, os resultados não foram indicativos de mudança, e sim de variação estável, na medida em que a variante oral é desfavorecida entre os mais jovens e os mais velhos e favorecida na idade intermediária (25-49 anos). A variável distância da sílaba seguinte indica um efeito baseado em um condicionamento de um constituinte silábico em posição prosódica fraca acentuada pela maior distância da sílaba tônica do vocábulo seguinte, evidenciando que quanto maior a distância, maior a probabilidade de ocorrência da variante oral (Tabela 3).

Tabela 3: Variáveis selecionadas no condicionamento da vogal oral

Variáveis	Aplicação/N	%	Peso Relativo
Escolaridade			
1 a 4 anos (Ensino Fundamental I)	77/132	58	0,720
5 a 8 anos (Ensino Fundamental II)	43/87	50	0,620
9 a 11 anos (Ensino Médio)	27/103	26	0,163
Idade			
15 a 25 anos	56/129	43	0,336
26 a 49 anos	39/71	54	0,789
50 anos ou mais	52/122	42	0,491
Variáveis	Aplicação/N	%	Peso Relativo
Distância da sílaba tônica seguinte			
sílaba seguinte tônica	17/35	36	0,191
distância de 1 sílaba	57/137	40	0,497
distância de 2 sílabas	40/88	47	0,666
distância de 3 sílabas ou mais	33/62	55	0,683
Total	143/322	45	

Fonte: Gomes *et al.* (2013, p. 166)

Por fim, como exposto no artigo em questão, a observação de itens lexicais específicos indica que alguns itens foram produzidos majoritariamente ou quase categoricamente com a variante oral. De acordo com as autoras, que adotam a hipótese de que a variação possui status representacional, isto é, as variantes de um item lexical estão representadas no léxico mental, a tendência majoritária de produção do item com a variante oral pode ser indicativa de uma representação central com essa vogal, uma vez que a realização das duas variantes está disponível para os falantes em função de suas respectivas experiências com a língua. Então, em suma, os dados de produção espontânea indicaram que há um efeito prosódico no enfraquecimento de ditongos nasais que ocorrem em sílaba átona final, além de um condicionamento lexical relacionado à frequência de ocorrência do item lexical. No entanto, segundo Gomes *et al.* (2013), este último aspecto necessita ser mais aprofundado com a ampliação do corpus ou com dados de outras amostras.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os pressupostos teóricos adotados para o desenvolvimento da pesquisa foram os da Sociolinguística Variacionista e os dos Modelos de Exemplares. Para a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994), o entendimento do conhecimento linguístico do falante inclui a relação entre a língua e a sociedade de inserção desse falante, além de postular que a gramática do falante é heterogênea, capturada na noção de que a variação linguística é, portanto, inerente ao conhecimento linguístico do falante. A variável linguística foi definida como o conjunto de diferentes formas linguísticas – as variantes – que alternam no mesmo contexto linguístico exprimindo o mesmo sentido. As formas em variação, ou variantes, indexam características sociais dos falantes.

Assim, estudos dessa vertente quebram o paradigma anteriormente proposto – o qual afirmava a existência de um sistema linguístico homogêneo e invariável – evidenciando o fato da dinâmica inerente às línguas humanas e salientando as possíveis pressões sociais que atuam sobre o sistema linguístico. Portanto, para fins desta monografia, foi definido o objetivo de verificar se a percepção das variantes da alternância em itens lexicais terminados em ditongo nasal átono e itens lexicais terminados em vogal oral, como em *viagem ~ viagi*, afeta a percepção das características sociais pretendidas nas fotos pareadas aos estímulos do teste realizado e analisado, tais como status socioeconômico e sexo dos falantes do estímulos.

A Teoria dos Modelos de Exemplares (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017) atribui status representacional à variação no conhecimento internalizado do falante. Em outras palavras, é postulado que as formas variáveis estão representadas no léxico do falante por meio de singularidades de memória da experiência do indivíduo com a língua. O modelo postula que as representações no léxico contém o detalhe fonético, que resultam da experiência do falante com a língua. As representações detalhadas incluem aspectos sociais que caracterizam os falantes, e que, portanto, indexam essas características. Além disso, os Modelos de Exemplares também propõem que as palavras estão organizadas no léxico em função de semelhanças sonoras e/ou semânticas, formando redes de relações lexicais.

3. METODOLOGIA EXPERIMENTAL

Nesta seção, serão apresentados o experimento utilizado na coleta de dados e a caracterização dos participantes que responderam ao experimento, assim como as hipóteses de trabalho. Como mencionado anteriormente, a percepção da variação é a aptidão do indivíduo para identificar e interpretar formas linguísticas, dado que o processamento dessas informações está relacionado à indexação social. Então, busca-se fundamentar mais uma vez que a construção do significado das sentenças está baseado também em características sociais de quem a fala, não somente em conhecimentos puramente linguísticos.

O modelo experimental utilizado foi o de *matched-guise* (DRAGER, 2014), que consiste em observar a reação do ouvinte a performances linguísticas que se diferenciam apenas em aspectos formais específicos e controlados e associá-las a um perfil social, podendo ser controlado no experimento ou a partir da atribuição de características de diversas naturezas (habilidoso, rude, inteligente, etc.). O *design* experimental foi o de observar em que medida a forma linguística influencia qual informação social é atribuída ao falante.

O experimento, então, consistiu na apresentação de estímulos com as variantes ditongo nasal átono final ou a vogal oral e posterior associação do estímulo ouvido ao seu possível falante identificado através da escolha entre duas fotos. Além disso, o experimento possui uma condição *between-subjects*, no qual participantes ouvem os estímulos somente com voz feminina ou somente com voz masculina, contando com 32 estímulos divididos em duas listas, bem como 14 distratoras que totalizaram 30 estímulos por participante.

O teste combinou áudios (estímulo oral) com fotos (estímulo visual), como será exposto a seguir (Quadro 3). As 16 frases contendo os itens lexicais relevantes (Quadro 4) foram gravadas com as duas variantes, totalizando 32 estímulos. Os 32 estímulos foram divididos em duas listas em função de três condições: variante (ditongo *versus* vogal oral), frequência do item lexical (alta *versus* baixa) e tipo de palavra (terminadas em *-gem versus* não terminadas em *-gem*). Vale lembrar que nenhum participante ouviu o mesmo item lexical com as duas variantes.

É válido salientar que um critério importante na construção dos estímulos foi elaborar sentenças que possam ser ditas por qualquer pessoa independentemente de idade, sexo e status socioeconômico, a fim de evitar interferências de outra natureza que não sejam as

variantes analisadas. Os estímulos foram gravados por 8 vozes – 4 masculinas e 4 femininas – diferentes e não foi estabelecida uma relação entre determinada voz e uma determinada foto.

A tarefa de cada ouvinte que consentiu em realizar o teste consistiu em associar o estímulo oral a uma das duas fotos, como as apresentadas em seguida, representando dois perfis socioeconômicos distintos – alto e baixo. A ordem de apresentação dos estímulos foi pseudoaleatória, isto é, os estímulos foram ordenados de maneira em que ocorreu uma distratora entre o estímulo com o item relevante produzido com o ditongo nasal átono ou com a vogal oral.

Quadro 3: Fotos usadas na tarefa experimental



Quadro 4: Itens lexicais utilizados

+ FREQUENTES		- FREQUENTES	
- GEM	NÃO - GEM	- GEM	NÃO - GEM
Coragem	Desordem	Bisbilhotagem	Abdômen
Origem	Fórum	Equipagem	Bênção
Passagem	Homem	Friagem	Lobisomem
Reportagem	Jovem	Grafitagem	Órfão
Vantagem	Nuvem	Serragem	Pólen
Viagem	Ontem	Voltagem	Sótão

Ademais, vale lembrar que parte do experimento foi aplicada de forma online, devido ao cenário pandêmico mundial, através da Plataforma Pavlovia, mediante divulgação para turmas dos cursos de Letras e Arquitetura e Urbanismo, ambos da UFRJ. Com o retorno das atividades presenciais, o experimento foi aplicado de forma presencial para alunos dos períodos iniciais do curso de Letras, também da UFRJ.

Conforme já mencionado anteriormente, a tarefa do experimento consistiu na escolha do falante do estímulo oral através da escolha entre duas fotos com perfis sociais diferentes. O experimento possui uma condição *between-subjects* para o sexo dos falantes dos estímulos, uma vez que os participantes ouviram os estímulos somente com voz feminina ou somente com voz masculina. É relevante ressaltar que a ordem de apresentação do perfil social das fotos para escolha do falante do estímulo quanto ao status socioeconômico não é a mesma, visto que a resposta é registrada apertando uma das duas teclas no computador (E – esquerda e L – direita). Optou-se por alternar a ordem de apresentação dos perfis sociais com o objetivo de evitar a automatização da resposta para um determinado perfil.

As informações sobre os participantes (nome, sexo, idade, bairro de moradia e *e-mail*) e a confirmação de participação voluntária (TCLE) foram obtidas por meio de *Google Forms* e, somente após o preenchimento do formulário, o experimento foi disponibilizado para ser iniciado. Como mencionado na introdução, a expectativa é que não haja uma correlação clara entre perfil socioeconômico baixo e variante vogal, bem como a não significância no tempo de resposta associado a um determinado perfil socioeconômico. Após coleta de dados, obtivemos 23 participantes para o teste das vozes masculinas (13 participantes) e femininas (10 participantes), sendo 17 mulheres e 5 homens no total, todos estudantes universitários.

A análise dos dados do experimento realizado para verificar o status representacional da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral foi executada com base em duas variáveis dependentes – resposta e tempo de resposta – em função das seguintes variáveis explicativas: variante do estímulo, frequência de ocorrência do item lexical (alta ou baixa) e tipo da palavra (terminada ou não em *-gem*). As variáveis explicativas sexo e escolaridade dos participantes foram desconsideradas, visto que não houve um número equilibrado de participantes homens e mulheres e que todos os indivíduos participantes têm ensino superior incompleto.

Parte-se da hipótese de que a variável é um marcador linguístico, já que os resultados sobre a variedade carioca, descritos na seção anterior, indicam estratificação por escolaridade e estilística. Apesar de a vogal oral tender a ocorrer em falantes com mais baixa escolaridade e em estilo informal, com baixa tensão comunicativa, não há registro de associação explícita por parte de comentários de falantes dessa variante com esse perfil social (baixa escolaridade, baixa renda).

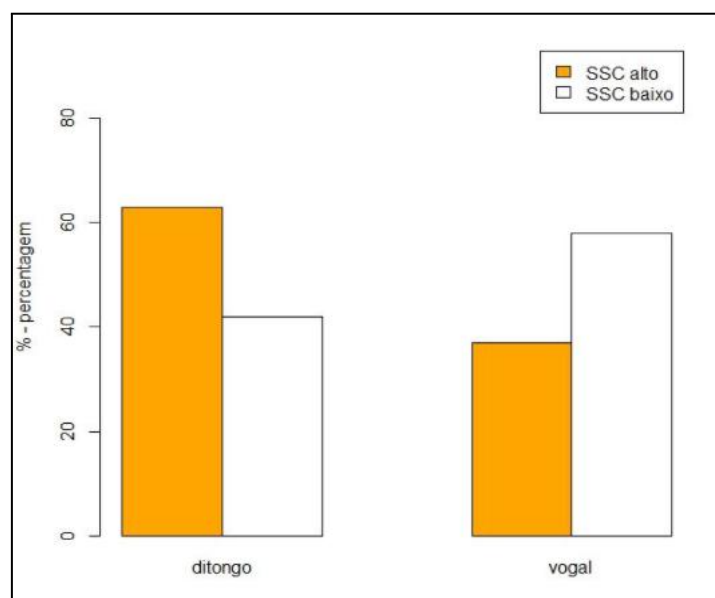
Assim, a expectativa do atual trabalho é que não haja correlação entre perfil socioeconômico baixo e variante vogal, com base no comportamento dos participantes na percepção da variação. Da mesma forma, em relação ao tempo de resposta, espera-se não haver diferenças significativas nos tempos de resposta na associação das duas variantes a um determinado perfil socioeconômico. As variáveis de controle dos estímulos, frequência e tipo do item lexical, foram incluídas para verificar em que medida contribuem para a percepção das variantes.

4. RESULTADOS

Em um estudo piloto com 13 participantes, aplicado ainda durante a quarentena da pandemia de COVID-19, com estímulos somente com vozes masculinas, foram obtidos 104 dados, distribuídos da seguinte maneira: 63% das respostas associando estímulos com o ditongo a status socioeconômico alto e 60% associando a vogal a status socioeconômico baixo. O teste do qui-quadrado (χ^2) mostrou que essa diferença é significativa. O *p-valor*, abaixo de 0,05, rejeitou a hipótese nula, indicando que haveria correlação entre as variáveis, isto é, haveria efeito da variante do estímulo na resposta, tornando esse resultado diferente da hipótese inicial de trabalho.

Tabela 4: Respostas por variante - análise parcial

VARIANTE	RESPOSTA - Status socioeconômico			
	alto		baixo	
	N	%	N	%
ditongo	66	63	38	37
vogal	42	40	62	60



Posteriormente, com a aplicação do experimento com as vozes femininas a 10 voluntários, foram obtidos 280 dados, totalizando 384 respostas, incluídas as respostas

mencionadas anteriormente. As variáveis dependentes foram: resposta, ou seja, escolha de uma das fotos disponibilizadas relativas ao status socioeconômico dos falantes dos estímulos; e tempo de resposta, isto é, tempo de escolha de uma das duas fotos relativas ao status socioeconômico, medido a partir do fim do estímulo oral até o participante apertar a tecla que representa a foto escolhida (E – esquerda e L – direita).

Como explicitado, a expectativa é que não haja correlação entre perfil socioeconômico baixo e a variante vogal, seja na distribuição das respostas em função da variante do estímulo, bem como a não significância no tempo de resposta associado a um determinado perfil socioeconômico. Se houver correlação entre variante do estímulo e status socioeconômico da foto, os tempos de resposta serão significativamente menores, pois essa relação fará parte do conhecimento internalizado sobre a indexação da variante.

As 384 respostas correspondem ao total de respostas para os estímulos dos experimentos pelos 23 participantes, sendo 13 do experimento com vozes masculinas, testado via internet, e 10 do experimento com vozes femininas, testado presencialmente. Com isso, obtivemos a seguinte distribuição de respostas por variante do estímulo:

Tabela 5: Respostas por variante - análise total

VARIANTE	RESPOSTA - Status socioeconômico			
	alto		baixo	
	N	%	N	%
ditongo	108	56	85	45
vogal	85	44	106	55
TOTAL	193		191	
TOTAL DE RESPOSTAS	384			

Qui-quadrado = 4.5917, df = 1, p-valor = 0.03213

A tabela acima mostra a associação entre status socioeconômico (baixo ou alto) e variante (ditongo ou vogal oral), evidenciando que há uma tendência a associar o ditongo a status socioeconômico alto (56% das respostas dos estímulos com ditongo) e vogal a status socioeconômico baixo (55% das respostas com a variante vogal no estímulo). O resultado do teste de qui-quadrado evidenciou que há uma correlação entre resposta e variante do

estímulo. O *p-valor*, abaixo de 0,05, rejeitou a hipótese nula, indicando que haveria correlação entre as variáveis, isto é, haveria efeito da variante do estímulo na resposta, tornando esse resultado também diferente da hipótese inicial de trabalho.

Buscando identificar as variáveis explicativas influentes (frequência de ocorrência do item lexical e tipo do item, terminado em *-gem*, como viagem, e não terminado em *-gem*, como ontem), essas variáveis de controle dos dados foram consideradas porque no estudo de Schwindt e Bopp da Silva (2010) foi identificada tendência à realização da vogal em itens lexicais terminados em *-gem* e, no estudo de Gomes (2017), tendência à realização da vogal em itens lexicais mais frequentes. Havendo correlação entre resposta e variante, essas características poderiam ter efeito na percepção das variantes, sendo mais salientes as características em que a variante vogal é menos frequente ou tem probabilidade menor de ocorrer (itens de baixa frequência de ocorrência e itens não terminados em *-gem*). O teste de regressão logística de modelo misto (variáveis aleatórias: indivíduo e item lexical) não revelou nenhuma variável influente relacionada à correlação entre resposta e variante do estímulo.

Estão apresentados a seguir os resultados obtidos no teste de regressão logística de modelo misto, realizado na Plataforma Jamovi. Apesar do resultado obtido no teste de qui-quadrado mencionado anteriormente somente com os dados de vozes masculinas, assim como no teste de qui-quadrado com todas as respostas, não foi observado efeito da variante do estímulo, no teste seguinte de regressão logística, das variáveis explicativas de controle linguísticas (frequência do item lexical e tipo do item) e do sexo presentes nas fotos, evidenciando que não há influência dessas variáveis na escolha da resposta do participante do experimento quanto ao perfil de status socioeconômico da foto, confirmando a hipótese, agora em segundo teste, de que não há correlação de determinada variante a um determinado perfil socioeconômico.

Como visto na tabela a seguir, nenhum *p-valor* foi significativo (< 0.05) para nenhum dos fatores mencionados. Os resultados dessa segunda etapa não indicaram efeito das variáveis explicativas, exceto para a correlação entre tipo de item (terminado ou não terminado em *-gem*) e frequência do item lexical (alta ou baixa frequência), com *p-valor* no limite do nível de significância. Porém, esse resultado não está relacionado à variante do estímulo. Os resultados de qui-quadrado encontrados na distribuição das respostas não têm

relação, portanto, com as variáveis explicativas consideradas no estudo, devendo estar relacionados a aspectos não-controlados no experimento.

Tabela 6: Regressão logística de modelo misto

Fixed Effect Omnibus tests			
	χ^2	df	p
variante	0.7752	1.00	0.379
Tipo	0.0345	1.00	0.853
Frequência	0.0333	1.00	0.855
Sexo- Falante	1.0256	1.00	0.311
variante * Tipo	1.7536	1.00	0.185
variante * Frequência	3.4137	1.00	0.065
Tipo * Frequência	3.8303	1.00	0.050
variante * Sexo- Falante	2.3742	1.00	0.123
Tipo * Sexo- Falante	0.1636	1.00	0.686
Frequência * Sexo- Falante	2.3697	1.00	0.124
variante * Tipo * Frequência	0.3891	1.00	0.533
variante * Tipo * Sexo- Falante	0.0202	1.00	0.887
variante * Frequência * Sexo- Falante	0.1696	1.00	0.680
Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.5011	1.00	0.479
variante * Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.7201	1.00	0.396

Random Components				
Groups	Name	SD	Variance	ICC
Participante	(Intercept)	0.201	0.0404	0.0121
Item	(Intercept)	0.414	0.1716	0.0496
Residuals		1.000	1.0000	.

Note. Number of Obs: 384 , groups: Participante 23, Item 16

Para verificar os tempos de resposta em relação às variáveis explicativas no modelo linear de modelo misto (variáveis aleatórias: indivíduo e item lexical), que avalia a influência das variáveis explicativas de efeito fixo e as de efeito aleatório para variáveis dependentes contínuas, também não foi identificada nenhuma variável influente em relação ao tempo de resposta em função da variante do estímulo. Relembrando, nesta etapa, a variável dependente

foi o tempo de resposta e as variáveis explicativas foram perfil do sexo do falante na foto, tipo (terminado em *-gem versus* não terminado em *-gem*) e frequência do item lexical.

A regressão linear de modelo misto também foi realizada na Plataforma Jamovi. Conforme mencionado anteriormente, não houve significância estatística para as variáveis explicativas. Então, não foi observado efeito da interação entre resposta (escolha do perfil social da foto) e variante disponível no estímulo oral e as demais variáveis explicativas.

Tabela 7: Regressão linear de modelo misto

Fixed Effect Omnibus tests				
	F	Num df	Den df	p
Resposta	1.03400	1	344.1	0.310
variante	5.19e-4	1	323.5	0.982
Tipo	0.15009	1	16.4	0.703
Frequência	0.01093	1	16.4	0.918
Sexo- Falante	0.26097	1	21.5	0.609
Resposta * variante	0.06913	1	336.3	0.793
Resposta * Tipo	4.18e-4	1	336.3	0.984
variante * Tipo	0.37502	1	323.6	0.541
Resposta * Frequência	2.92e-4	1	335.3	0.986
variante * Frequência	0.00162	1	323.8	0.968
Tipo * Frequência	0.71921	1	16.4	0.409
Resposta * Sexo- Falante	2.91921	1	340.5	0.088
variante * Sexo- Falante	0.04030	1	280.9	0.841
Tipo * Sexo- Falante	0.39368	1	319.9	0.531
Frequência * Sexo- Falante	0.22622	1	320.2	0.635
Resposta * variante * Tipo	0.41707	1	335.5	0.519
Resposta * variante * Frequência	0.16726	1	334.0	0.683
Resposta * Tipo * Frequência	1.54491	1	344.0	0.215
variante * Tipo * Frequência	0.01938	1	323.8	0.889
Resposta * variante * Sexo- Falante	0.93342	1	334.1	0.335
Resposta * Tipo * Sexo- Falante	0.54569	1	332.5	0.461
variante * Tipo * Sexo- Falante	0.11395	1	281.0	0.736
Resposta * Frequência * Sexo- Falante	1.34734	1	331.7	0.247
variante * Frequência * Sexo- Falante	0.07995	1	281.3	0.778
Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.85373	1	320.4	0.356
Resposta * variante * Tipo * Frequência	0.02004	1	340.1	0.887
Resposta * variante * Tipo * Sexo- Falante	0.21240	1	333.8	0.645
Resposta * variante * Frequência * Sexo- Falante	0.01165	1	331.8	0.914
Resposta * Tipo * Frequência * Sexo- Falante	1.30e-4	1	340.3	0.991
variante * Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.00168	1	281.4	0.967
Resposta * variante * Tipo * Frequência * Sexo- Falante	0.77716	1	337.9	0.379

Random Components				
Groups	Name	SD	Variance	ICC
Participante	(Intercept)	13.28	176.3	0.1600
Item	(Intercept)	7.13	50.9	0.0521
Residual		30.43	925.8	

Note. Number of Obs: 384 . groups: Participante 23, Item 16

Como visto na seção de revisão da literatura, estudos de produção mostram o efeito do tipo do item lexical e o efeito da frequência de ocorrência do item lexical e que esse fenômeno tem ocorrência moderada com tendência à realização do ditongo. O estudo com dados de produção elicitada evidenciou que a realização da vogal oral é associada a situações de uso que envolvem menor tensão comunicativa e menor formalidade, sendo evitada nos outros contextos, possibilitando a atribuição de algum grau de estigma a essa variante, uma vez que os resultados apontam um decréscimo nos pesos relativos, o que significa uma tendência à menor realização da vogal em relação ao aumento da tensão comunicativa (GOMES, 2017), mas não há evidências de avaliação explícita da vogal relacionada a classe ou grupo social de baixa renda.

De acordo com o estudo de Gomes (2017), é possível identificar a implementação da variante vogal oral quando se observa o comportamento de itens lexicais específicos que apresentam alta frequência de ocorrência na língua. No estudo com dados de produção espontânea, Gomes *et al.* (2013) identificaram um efeito prosódico de enfraquecimento de ditongos nasais, de maneira que há tendência de realização da vogal quando há uma distância de, pelo menos, 2 sílabas em relação à próxima sílaba tônica. Já no estudo de Schwindt e Bopp da Silva (2010), conforme já mencionado, os itens terminados em *-gem* favorecem a realização da vogal.

Em contrapartida, em dados de percepção como os aqui analisados, em que está em questão a correlação entre variante e status socioeconômico do falante, os resultados, em relação às variáveis explicativas (tipo e frequência de ocorrência do item lexical), mostram que esses fatores não são significativos. Dessa forma, os resultados indicam o que a hipótese inicial do trabalho presumia: a variante vogal se confirma como marcador linguístico, ou seja, apresenta, em dados de produção, estratificação social por idade, escolaridade e também estilística, mas não são referidas como associadas a alguma característica macrossocial, o que

se evidencia na ausência de correlação entre perfil status socioeconômico baixo da foto e variante vogal, seja no tipo de resposta ou seja no tempo de resposta.

Vale salientar que, para a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994), o entendimento do conhecimento linguístico do falante inclui a relação entre a língua e a sociedade de inserção desse falante, além de postular que a gramática do falante é heterogênea, capturada na noção de que a variação linguística é, portanto, inerente ao conhecimento linguístico do falante. Quanto ao valor social das variantes, de acordo com Labov, estas podem ser do tipo indicador (sem estratificação estilística), marcadores (com estratificação social e estilística) e estereótipos (com estratificação social, estilística, e socialmente marcada, porque associada a um determinado perfil social).

Em suma, os marcadores sociolinguísticos se caracterizam por estarem abaixo do nível de consciência do falante, sem estarem associados a um perfil social específico. Já os estereótipos são socialmente marcados, propensos a julgamentos mais rígidos e estigmatizados sobre uma variante. Assim, os resultados obtidos acerca da percepção da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral revelam que essa variante se configura como um marcador sociolinguístico, uma vez que não possui estigmatização notável sobre si a ponto de ser a variante vogal associada a perfil de status socioeconômico baixo e o ditongo a perfil de status socioeconômico alto, conforme os resultados estatísticos obtidos na regressão logística para o tipo de resposta e na regressão linear para o tempo de resposta.

5. CONCLUSÃO

O atual estudo buscou analisar o comportamento de homens e mulheres universitários, moradores da cidade do Rio de Janeiro, acerca da percepção da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral, focalizando as variáveis explicativas tipo do item lexical e frequência de ocorrência do item lexical, a fim de promover uma reflexão sobre a avaliação social dessas variantes pelos participantes que responderam o experimento. O objetivo foi o de validar essa variante como um marcador sociolinguístico.

A pesquisa se baseou em estudos sociolinguísticos anteriores, como Battisti (2000), Schwindt e Bopp da Silva (2010), Gomes *et al.* (2013) e Gomes (2017), que buscaram identificar condicionamentos linguísticos e extralinguísticos da alternância entre ditongo nasal e vogal oral, assim como evidências que situam a estratificação social da variante, isto é, em que grau é estigmatizada ou não, a depender do nível de estigma proposto inicialmente por Labov (1994). As análises anteriores mostraram estratificação social por idade, escolaridade e também estilística, mas não são referidas associações a alguma característica macrosocial, como também foi observado nesta monografia. As teorias utilizadas como base para o atual estudo foram primordialmente os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e dos Modelos de Exemplares (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017). A avaliação social das variantes foi acessada por meio de experimento que utilizou a técnica de *matched guise* (DRAGER, 2014).

A hipótese inicial do trabalho era a de que não existe uma correlação clara entre perfil socioeconômico baixo e variante vogal. Os resultados encontrados, considerando a associação entre resposta e variante do estímulo, não se mostraram significativos do ponto de vista estatístico na rodada de regressão logística, nem da associação entre ambas e as variáveis linguísticas e do perfil de sexo das fotos. Da mesma forma, não foi detectada relação entre tempo de resposta e a associação entre perfil da foto e variante do estímulo, assim como não há relação entre essa associação e as demais variáveis explicativas. Em ambos os casos, considerando os dois resultados estatísticos, a hipótese inicial se confirmou, categorizando a variável como um marcador sociolinguístico, também da perspectiva da percepção das variantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISTI, E. *A redução variável dos ditongos nasais átonos no português do Sul do Brasil*. Porto Alegre: Letras Hoje, vol. 35, nº 1, p. 255-274, 2000.

BYBEE, J. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. *Teoria de Exemplos*. In: da Hora, D.; Matzenauer, C. *Fonologia, Fonologias*. São Paulo: Contexto, p. 157-168, 2017.

DRAGER, K. *Experimental Methods in Sociolinguistics*. In: HOLMES, Janet; HAZEN, Kirk (Org.) *Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide*, Wiley-Blackwell: Oxford, p. 58-73, 2014.

GOMES, C. A.; MESQUITA, C.; FAGUNDES, T. *Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala de Rio de Janeiro*. *Diacrítica* [online], vol. 27, nº 1, p.153-173, 2013.

GOMES, C. A. *Para além das ondas: um ponto de partida sobre o significado social da variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral no Português Brasileiro*. *Diacrítica*, vol. 31, nº 1, p. 5-24, 2017.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 1994

SCHWINDT, L. C.; BONA, C. *O papel da frequência lexical na desnasalização do ditongo final átono [ẽjĩ] em não verbos no português do sul do Brasil*. *Cadernos do IL*, nº 54, p. 27-46, 2017.

SCHWINDT, L. C. BOPP DA SILVA, T. *Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do Sul do Brasil*. In: *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 13-33, 2009.

SQUIRES, L. M. *Sociolinguistic priming and the perception of agreement variation: Testing predictions of exemplar-theoretic grammar*. Tese (Doutorado), University of Michigan, 2011.